

Preparando o Centenário de Jorge Amado

*Jubiabá, ou a pedagogia da
revolução*

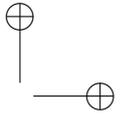
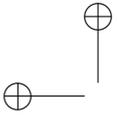


Fernando Cristóvão

CLEPUL

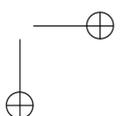
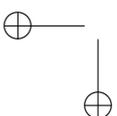
2012

www.lusosofia.net



Texto originalmente publicado em *Quaderni Ibero-Americani. Attualità Culturale Penisola Iberica e America Latina*, n.º 74 *Omaggio a Jorge Amado*, Torino, Bulzoni Editore – Roma, Dicembre 1993, pp. 25-34

ISSN – 0033-4960





LUSO Sofia:PRESS

Lisboa, 2012

FICHA TÉCNICA

Título: *Jubiabá, ou a pedagogia da revolução*

Autor: Fernando Cristóvão

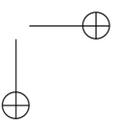
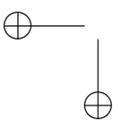
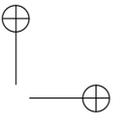
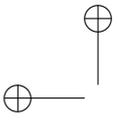
Colecção: Artigos LUSOFONIAS

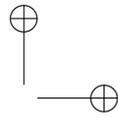
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, setembro de 2012





***Jubiabá*, ou a pedagogia da revolução**

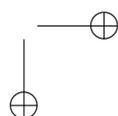
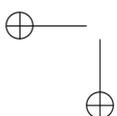
Fernando Cristóvão
CLEPUL

Na obra de Jorge Amado o romance *Jubiabá* é como que a chave que introduz os leitores no desvendamento dos seus objetivos de homem e escritor, da sua mensagem de militante socialista e das matrizes estilísticas, tanto positivistas como negativas, da sua expressão ficcional.

Por isso julgamos merecer este romance uma atenção especial, e dentre os diversos aspectos dignos de nota queremos relevar o da preocupação pedagógico-didática nele contida. Por ser importante no entendimento da estrutura do romance, por corresponder a uma linha narrativa intimamente ligada à mensagem ideológica que veicula, e por encarnar uma modalidade de literatura política típica desses anos agitados da vida brasileira.

Escrito e publicado na quente década de 30, ganha em ser situado no clima revolucionário da época em que se misturam a crise económica, a corrupção do coronelismo e tenentismo, a desorientação da burguesia, as ambições e ideais contraditórios dos liberais, comunistas e integralistas.

Foi a década de 30 um tempo de grande agitação social e política, bastando, para o seu entendimento, lembrar os pontos mais altos desse mar revolto: a revolução liberal de 30, a revolta cons-



titucionalista de 32, a Constituição de 34, as tentativas comunistas de conquista do poder em 35, a nova Constituição de 37, a revolta integralista de 38, os acontecimentos que culminariam na proibição dos partidos políticos e na ascensão e absolutização centralizadora do poder de Getúlio Vargas.

Durante este tempo, Jorge Amado formou-se em Direito, entrou no jornalismo, iniciou-se na militância política de esquerda, a partir de 32, e fez da pena uma arma de combate, escrevendo seis romances de temática social revolucionária, ao ritmo de um por ano: *País do Carnaval* (1932), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937). Nas décadas seguintes, o ritmo será mais compassado mas não menos determinado, tendo-se inscrito no Partido Comunista e chegando a ser, em 1945, deputado federal em sua representação.

Jubiabá é pois a expressão da militância revolucionária desse tempo, como aliás o confessou Jorge Amado em nota introdutória a *Terras do Sem Fim*: “Nestes dez anos escrevi sete romances, duas biografias, alguns poemas, centenas de artigos, dezenas de conferências. Nesses dez anos lutei diariamente, viajei, fiz discursos, vivi com meu povo sua via”¹.

Simultaneamente, e também um claro apelo ao leitor para que participe na luta ideológica, seguindo o exemplo do herói principal, António Balduino, que o narrador escolheu para seu discípulo, a formar ao longo dos anos da meninice a adolescência, e dos vinte e oito capítulos da narrativa.

Por isso o romance ganha em ser lido na perspectiva do *bildungsroman*. Não na aceção estrita de Lukács e Goldmann segundo a qual o herói se conforma com os valores da ideologia dominante, mas em sentido amplo, na ótica de a sua formação ser dirigida para a contestação e subversão das situações burguesas alienadas. Sentido tomado das doutrinas marxistas, da conceção da estética realista em particular, e da função do romance, em ge-

¹ Jorge Amado, *Terras do Sem Fim*, 4.^a ed., Lisboa, Livros do Brasil, s.d..

ral. Seguindo caminhos próprios do realismo crítico mas ainda não do realismo socialista, cuja teorização se elaborava nos anos trinta. Aliás, já em estudo anterior tivemos ocasião de salientar como vetores determinantes, em toda a obra de Jorge Amado, os de incentivar à descoberta da consciência de classe e à denúncia dos vários tipos de alienação: jurídica, política, religiosa, amorosa².

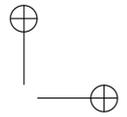
Com efeito, esta, tal como as outras obras do autor, enquadra-se dentro de posições de classe, dentro da prática política do marxismo-leninismo, seguindo os bons preceitos de Marx, Engels e Lenine ao exigir-se até que a Literatura objetive os modos de produção dos textos literários e o seu consumo social, e que ela seja a projeção da realidade, pois, nessa ótica, as obras literárias, tal como as obras de arte, são o produto do reflexo, no cérebro humano, de uma determinada vida social.

Em *Jubiabá*, ainda não é explícita essa menção das doutrinas de base, nem a luta sindical de Baldo está expressamente ligada a uma ideologia ou um partido, mas nos romances da década de 40 isso vai acontecer, por exemplo em *São Jorge dos Ilhéus* ou *Seara Vermelha*. Contudo, o entendimento marxista da realidade e da literatura é óbvio, tanto na escolha dos temas não burgueses, como na linguagem e estilo adotado.

O público visado não é letrado nem burguês, até pela questão de princípio de que a linguagem literária considerada aristocrática nas suas preocupações de unidade e de seleção, falsearia em si mesma a realidade das várias línguas e linguagens do povo e das minorias, como o explicitaram noutro contexto e espaço linguístico francês R. Balibar e D. Laporte num estudo sobre o tema.

Emblematicamente foi dito, em nota introdutória a *Cacau*, que se quer praticar uma nova conceção de literatura “com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade”.

² Fernando Cristóvão, *Cruzeiro do Sul, a Norte*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1983, pp. 45-88.



Dentro desses parâmetros, *Jubiabá* estrutura-se segundo uma estratégia narrativa e pedagógica-didática que contém e disciplina a força lírica das digressões e comentários em função de algumas ideias fundamentais a inculcar e desenvolver progressivamente, e que assim podemos identificar: a denúncia da situação inicial alienada, a aprendizagem de António Balduino, a revelação do ideal e do compromisso revolucionário, o dever de propagar a “boa nova”.

1. No princípio era a alienação e a ignorância

A primeira etapa da vida de António Balduino exemplifica claramente uma situação alienada.

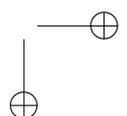
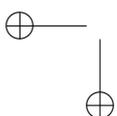
Tal como nos romances anteriores, o romancista quer partir da sua denúncia para o anúncio das transformações que importa fazer. E da história de Balduino se pode dizer o mesmo que do conjunto das histórias das personagens de *País de Carnaval*: “Como o Brasil de hoje. Sem um princípio filosófico, sem se bater por um partido”.

Ao longo dos onze capítulos da primeira parte, Baldo passeia a sua ociosidade de mendigo e malandro. Presente que está predestinado para qualquer coisa grandiosa que desconhece, limita-se a desejar ser um valente de ABC: “Quem sabe se um dia aquele homem não escreveria seu ABC” (p. 103)³.

Na ociosidade e alienação decorre a sua infância e adolescência, e o mesmo se pode afirmar dos grupos onde se integra, até daqueles que mais perto se encontram de um ideal – o Gordo e Jubiabá.

³ Para comodidade de leitura mencionaremos no local das citações as páginas em que ocorrem.

Servimo-nos da 4.^a edição de *Jubiabá* editada em Lisboa pela Livros do Brasil, pois está isenta das mutilações que na época de 40 inutilizaram algumas edições portuguesas de obras brasileiras pela absurda prática de corrigirem o texto segundo a norma linguística portuguesa



O Gordo era religioso e recorria frequentemente a Deus para que acudisse aos pobres e os libertasse da tirania dos ricos e poderosos. Mas “Antônio Balduino sabe que o Gordo está rezando e que é inútil” (p. 154), e quando acontecerem os dias libertadores da greve, o Gordo será incapaz de lutar. A única reação que teve foi a de tomar nos braços uma negrinha baleada pela polícia e andar com ela perguntando desesperadamente “Onde está Deus? Onde está Deus? (...) Ele era muito religioso e enlouqueceu. Agora anda com os braços estendidos como se ainda levasse a pretinha baleada. Não faz mal a ninguém, é um louco manso” (p. 312).

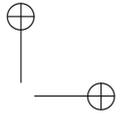
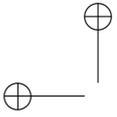
Jubiabá o feiticeiro, era bondoso e sábio, mas ignorava a verdadeira realidade, e era impotente para obstar à injustiça. Um dia Balduino irá à macumba para dizer: “Meu povo, vocês não sabem nada [...] Que adianta negro negar, negro vir cantar para Oxossi? Os ricos manda fechar a festa de Oxossi. Uma vez os policiais fecharam a festa de Oxalá quando ele era Oxulufã, o velho. E pai Jubiabá foi com eles, foi pra cadeia” (p. 295).

Mas a aprendizagem de Antônio Balduino levará o seu tempo. Passada a etapa da meninice e adolescência, Baldo torna-se um cabra valente e lutador. Os sete capítulos da segunda parte, “Diário de um negro em fuga” assim o documentam. Até já foi capaz de matar um homem, Zequinha, por amor de Arminda.

Será que assim destemido e valente “Antônio Balduino já merecerá um ABC? Ele não o sabe, talvez que o homem de Ilhéus conte um dia a sua história a homens e meninos de outro mundo que o admirarão e pensarão em ser como ele”.

A resposta ainda é negativa, pois a alienação continua: “A coisa que ele mais ama é brigar. Só agora é que o sente. Nasceu para brigar” (p. 182).

A constatação que fazia das desigualdades sociais e das injustiças era tão inconstante como o ódio que nele provocavam: “ódio que se revolve dentro dele. Via filhas de negros, via aquele marcado nas costas que ele conhecera na casa de Jubiabá. Via mãos



calosas, batendo no chão, via negras terem filhos mulatos dos senhores brancos. Via Zumbi dos Palmares transformar o batuque dos escravos em batuque de guerreiros. Jubiabá nobre e sereno, dizendo conceitos ao povo escravo. Via a si próprio se levantando contra o homem branco” (pp. 127-128), mas sem que isso passasse de exaltação passageira. E por uma razão simples: ainda não possuía o saber capaz de transformar a revolta, o ódio e a compaixão em atuação redentora.

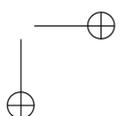
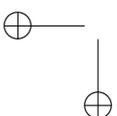
É nos dez capítulos da terceira parte, “ABC de António Balduino”, que a mudança se vai operar. O moleque e malandro sem rumo certo vai ser um bom discípulo da transformação que é preciso fazer-se, pois, discretamente, Raimundo e outros vão encarregar-se dessa *paideia*.

2. “António Balduino ouvia e aprendia”

São dignas de registo no romance as estratégias didascálicas visando tanto a aprendizagem de António Balduino como a dos leitores, pois a ambos se querem dirigir o narrador e o romancista.

E nelas ocupam lugar de relevo os processos comunicativos em geral, o nível de linguagem escolhido, a relevância atribuída à função fática, o uso de elementos extratextuais, o vocabulário próprio da relação pedagógica.

Dentro do quadro ideológico atrás evocado, a língua é assumida numa prática linguística própria de determinada camada popular. Tanto o ritmo e o léxico do narrador, como os das personagens visam a compreensão fácil e imediata. Em perfeito alheamento, ou oposição, a uma conceção morfo-sintática burguesa, que se rejeita tanto na teoria como na prática. Daí o vocabulário reduzido, a deficiência das concordâncias, os regionalismos, a gíria ou, mesmo, o calão.



Porque a preocupação de ensinar é grande, importa que a recepção da mensagem se faça da melhor forma, sendo essa a principal missão do diálogo abundante em todo o romance e, não menos, da estratégia de *suspense*, frequentemente utilizada, que não deixa o leitor tranquilo.

Com efeito, neste particular, o narrador amiudamente formula interrogações que têm pouco a ver com as suas dúvidas (que a onisciência do estatuto assumido não consentem) e muito com o objetivo de avivar a atenção do leitor.

São interrogações cujas respostas aparecem depois em diferido, típicas do teatro popular e do jornalismo radiofónico, ao quere-rem prender o seu auditório: “Será que ela vai deixar aquele negro imundo tocar em Arminda?” (p. 172); “Será que ela [Lindinalva] também tem pena da menina morena?” (p. 269); “Que vento frio vem do mar e faz António Balduíno tremer?” (p. 277); “Quem é aquele negro que vai assim de braços estendidos pelas ruas calmas ou movimentadas da cidade? Porquê ele blasfema, porque chora, porque pergunta onde está Deus?” (p. 313).

Aliás, convém não esquecer que Jorge Amado foi jornalista, o que ainda torna mais evidente a observação de Ruben Braga a propósito deste romance: “*Jubiabá* é, assim, ao mesmo tempo, uma reportagem e um ABC”⁴.

A utilização de textos anónimos populares onde se inserem referências às personagens da narração, ou a imitação de certo tipo de discursos próprios de outros contextos reforçam ainda mais o clima de atualização, tanto do tema como da mensagem a fazer passar. É que o leitor se sente envolvido no mesmo quotidiano, e participa, mais intensamente, na narrativa, por *transfert*. Assim o “Aviso ao Público” do Grande Circo Internacional (p. 198), a sorte tirada por Rosenda Rosedá na feira de Água de Meninos (p. 242), os versos da nau Catrineta (p. 263) ou o manifesto dos grevistas (p. 287).

⁴ Jorge Amado, *Trintas anos de Literatura*, São Paulo, Martins, 1961, p. 107.

Criando a ilusão de que anuncia apenas a verdade sem disfarces ou manipulações, o romancista parece atingir o objetivo que se propôs desde muito cedo: de rejeitar (aparentemente) o género romanesco e fazer crer que se move apenas no histórico e documental, insinuando ao leitor que não está perante a verosimilhança, mas em face da verdade. Sugestão e preocupação esta que pretende sobrepor-se e substituir a estética burguesa abrindo caminhos para um novo tipo de realismo. Em sintonia e afinidade ideológica comentaré Josué de Castro: “Pouco importa que eles sejam socialistas ou democratas, comunistas ou católicos, desde que mostrem sinceramente a realidade brasileira”⁵.

Mas, onde a preocupação pedagógica se torna mais visível é no emprego dos verbos que definem a aprendizagem de Balduino, tais como “ouvir”, “descobrir”, “aprender”, “entender”, “saber”. Sobretudo este último, frequente em todo o romance.

Os acontecimentos da vida diária vão criando nele noções de bem e mal, de justiça e injustiça, primeiramente de modo eufórico e não integrado em nenhum sistema de valores, depois, na terceira parte da narrativa, integradas e interpretadas por um ideal revolucionário.

“António Balduino ouvia e aprendia. Aquela era a sua aula proveitosa. Única escola que ele e as outras crianças do morro possuíam. Assim se educavam e escolhiam carreiras. Carreiras estranhas aquelas dos filhos do morro, E carreiras que não exigiam muita lição: malandragem, desordeiro, ladrão” (p. 29).

“Ele agora sabe por que luta” (p. 294). “Meu povo, vocês não sabe nada... Eu tou pensando na minha cabeça que você não sabe nada” (p. 294). Nem Jubiabá sabia que a luta verdadeira era a greve, era a revolta dos que eram escravos. Agora o negro António Balduino sabe. Essa sabedoria e formação iniciais irão ser completadas por conhecimentos novos transmitidos durante a

⁵ Josué de Castro, *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 1936.



greve por aqueles que são portadores de um saber especial e de uma ideologia revolucionária.

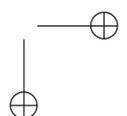
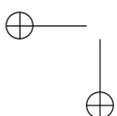
O principal dentre eles é Severino, militante sindical, e o verbo mais expressivo com que o narrador o descreve é “explicar”: “Severino explicou: – Rapaz, greve é como estes colares que a gente vê nas vitrinas. É preso por uma linha. Se cortar a linha, caem todas as contas. É preciso não furar a greve” (p. 290).

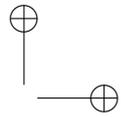
Na formação inicial de Balduino nunca existiu qualquer pedagogo ou Mestre a orientá-lo. Foi a vida que lhe abriu o entendimento. Mas agora, em plena luta social em que se opera a transmutação do prazer pela luta em si mesma, em ardor revolucionário com objetivos elevados, alguns pedagogos discretos vão-lhe indicando o caminho. Severino é o mais credenciado dentre eles, mas também o representante dos estudantes de Direito (p. 291) ou Pedro Corumba que luta “pela redenção do proletariado” (p. 303)

Com a greve, e através do papel que nela veio a desempenhar, a formação de base de António Balduino está feita. Ele sabe agora que tipo de abc será o seu: “Ele agora sabe porque luta. E vai assim depressa para avisar todos os negros que estão na macumba de Pai Jubiabá” (p. 294).

E até já é capaz de “explicar”: “António Balduino (quanta coisa ele aprendeu naquele dia e naquela noite!) explica a greve ao Gordo e a Joaquim. E se espanta de Jubiabá não saber coisas de greve” (p. 307).

E tão bem aprendeu a lição que não só a transmite mas até repete os discursos que ouviu. O de Severino, por exemplo, agora na sua boca: “Meu povo, vamos prá greve, que a greve é como um colar. Tudo junto é mesmo bonito. Cai uma conta, as outras caem também” (p. 295).





3. Da revelação da “verdade” ao compromisso revolucionário

Na fase inicial da sua formação, Balduino (e o leitor) fez a experiência das desigualdades sociais e aprendeu a solidariedade. Primeiro a do seu grupo natural, depois a alicerçada na compaixão (“olho de piedade”) ou na simpatia, mas sempre alheia a quaisquer critérios de classe.

A revelação da “verdade” de que as relações sociais são conduzidas pelos fatores económicos, e de que cabe à classe operária o papel revolucionário decisivo para a eliminação das classes, só na terceira parte surgirá.

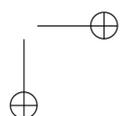
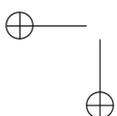
Comandando o processo, a greve vai ser o grande catalizador da formação em curso. Aos vinte e três capítulos da primeira fase vão contrapor-se agora os cinco da educação revolucionária.

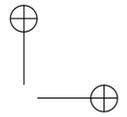
Deste modo, o relacionamento fundamental de Balduino com a sociedade sofre uma evolução: primeiro cultivava o ódio do negro contra o branco, como foi patente no combate de boxe com o alemão Ergin; depois, quando o negro percebeu que branco pobre era tão escravo como o negro, o ódio passou a ser de pobre contra rico; por último, quando lhe ensinaram o que eram as classes, o ódio deixou de ser descontrolado e passou a escolher um objetivo e a obedecer à disciplina marxista da luta de classes.

Para aqui chegar, Balduino e o leitor aprenderam bastantes coisas novas nos cinco capítulos finais do romance.

Antes de mais, a simpatia pelos trabalhadores: “António Balduino sempre tivera um grande desprezo pelos que trabalhavam. E preferiria entrar pelo caminho do mar, se suicidar numa noite no cais, do que trabalhar [...] Mas agora negro olhava com um outro respeito os trabalhadores” (p. 288).

Veio em seguida a descoberta de que pertencia a uma classe, o que iria provocar uma alteração nas suas reações de solidariedade.





Uma classe abrangendo os pobres e oprimidos, cuja força estava na determinação de combater e vencer a dos ricos e patrões.

E para que a força de trabalhadores vença a do capital é preciso a união de todos os que, embora em profissões diferentes, pertencem à mesma classe. É isso que explica o representante do sindicato dos estudantes de Direito: “todos os operários, os estudantes, os intelectuais pobres, os camponeses e os soldados se deviam unir na luta contra o capital. António Balduino não o entendeu muito bem. Mas o negro que discursou lhe explica que capital e ricos quer dizer a mesma coisa” (p. 291).

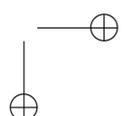
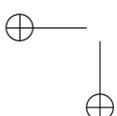
Do mesmo modo, também António Ruiz, proprietário das Panificações Reunidas cujos operários estão em greve, recusa o pedido da esposa em favor de um operário justificando-se com a defesa dos interesses da sua classe: “Eu não sou eu, não tenho nada com meus sentimentos. Eu sou o patrão, tenho que defender meus interesses” (p. 320).

E com estas descobertas vieram também as estratégias e os rituais da luta de classes: a greve geral, os comícios, os manifestos à população, os piquetes de greve, as comissões, os representantes, o voto de braço no ar, o punho fechado, a denúncia dos amarelos, o internacionalismo proletário, o combate ao boato...

4. A difusão da “boa nova”

Agora sim, por ter ajudado a triunfar a greve, António Balduino mereceu o ABC sonhado e anunciado: “A greve merecia um abc” mais do que um samba (p. 326).

Mas se o triunfo da greve lhe deve alguma coisa, também ela é credora da gratidão de Baldo porque o salvou, dando-lhe um sentido para a vida e concluindo a sua formação de homem e de militante.



Sente-se feliz e eufórico, de uma generosidade grande, embora dirigida. Já sabe agora que a solidariedade e o ódio são para alimentar e dirigir em função da sua ou da classe oposta: “aprendeu a amar a todos os mulatos, todos os negros, todos os brancos que na terra, no bojo dos navios, sobre o mar são escravos que estão rebentando as cadeias” (p. 328).

Em consequência, sente-se moralmente obrigado a fazer irradiar a boa nova da greve e do que ela arrasta consigo: a solidariedade de classe, a luta contra a outra classe, uma estratégia de eficácia: “Um dia António Balduino partirá num navio e fará greve em todos os portos” (p. 328).

Assim, os dois últimos capítulos-quadros terminam na apoteose lírica do herói e do seu projeto de futuro, acentuando, pela tonalidade a modo de epílogo, o valor das expansões poéticas que amiudadas vezes embelezam e suavizam a narrativa, até porque o romance de Amado é, normalmente, de arquitetura deficiente.

A quase unanimidade da crítica encarece a força lírica do romancista que irrompe com notável vigor em capítulos vários salvando-os, às vezes *in extremis*, da monotonia ou da prosaicidade do documental ou do ideológico.

Por exemplo, Octávio Tarquínio de Souza é de opinião de que o tom romântico é levado ao extremo⁶, Ruben Braga fala em “populismo poético”⁷, Erico Veríssimo elogia: “o que mais me agrada é o grande sopro de poesia que bafeja o livro da primeira à última página”⁸. António Cândido observa: “a sua maneira de tratar as personagens é poética”⁹ e Agripino Grieco sentencia: “uma bela infiltração de lirismo se verifica em tudo”¹⁰.

De modo geral, lamentam os críticos do tempo a falta de profundidade psicológica das personagens. Mas talvez as censuras não

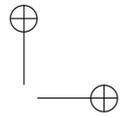
⁶ *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1935.

⁷ Jorge Amado, *Trinta Anos de Literatura*, São Paulo, Martins, 1961.

⁸ *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1935.

⁹ *Brigada Ligeira*, São Paulo, Martins, 1945.

¹⁰ *Gente Nova no Brasil*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1948.



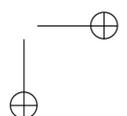
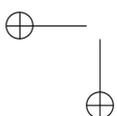
sejam tão merecidas como parece, porque feitas em função dum entendimento do romance demasiado psicologista (então na moda), e menos atentas ao facto de se tratar de uma atitude ficcional nova, a do romance político-ideológico. Subgénero naturalmente propenso ao uso de ideias feitas facilmente assimiláveis pelas massas, mais atento à ação rápida e eficaz do que à reflexão discursiva, preferido o diálogo ao monólogo e o estilo direto aos vagares e subtilezas do indireto, sobretudo quando livre. Registo ávido de ritmos binários, próximos da radicalidade, e das repetições que facilmente se harmonizam com a doutrinação e as palavras de ordem.

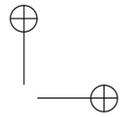
Por outro lado, esses excessos líricos tiveram no romance uma vantagem que, infelizmente, não se manteve em obras posteriores: a de impedir o narrador de passar do político ao partidário, e de levar a informação e o zelo pedagógico-didático ao ponto de explicitarem (como em *São Jorge dos Ilhéus* e *Seara Vermelha* que a vanguarda dirigente da classe operária era o partido comunista, fazendo a sua glorificação, que o objetivo era a instalação do socialismo e a supressão das classes, que o bom militante comunista devia ter tais e tais qualidades, que a revolução russa era o modelo, etc.

Projetar em *Jubiabá*, uma luta social em termos semi-idealistas e poéticos teve a vantagem de não fazer baixar o romance ao nível do panfleto.

A este propósito é verdadeiramente exemplar a opinião de Graciliano Ramos. De Graciliano que, embora partilhando a amizade e a militância partidária de Amado, não perdeu a lucidez, nas ideias e na prática literária, de perceber que a força da arte não manipulada mais ajudava uma causa a defender que a ilusória eficácia do documental panfletário.

Diz ele, a propósito do *Suor*: “Tudo natural quando os pobres se manifestam em palavrões de gíria, quase sempre numa linguagem obscena em excesso, nada literária, está visto, mas que tem curso na Ladeira do Pelourinho e até em lugares de boa reputação. O

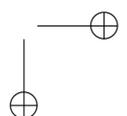
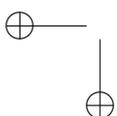




autor falha, porém, nos pontos em que a revolta da sua gente deixa de ser instintiva e adora as fórmulas inculcadas pelos agitadores [...] Não nos parece que o autor, revolucionário, precisasse fazer mais que exibir a miséria e o descontentamento dos hóspedes do casarão. A obra não seria menos boa por isso”¹¹.

Porque o autor soube conter-se equilibrando a história entre o documental e o poético, *Jubiabá* permanece como um dos melhores romances de Jorge Amado, apesar de alguns defeitos da inexperiência do escritor.

¹¹ Graciliano Ramos, *Linhas Tortas*, São Paulo, Martins, 1967 (1835), p. 96.





Fernando Cristóvão (Setúbal, 9 de novembro de 1922) Membro do clero da Diocese de Lisboa desde 1953.

Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa de Filologia Românica, desde 1978. Doutor *Honoris Causa* pela Universidade da Ásia Oriental, Macau, a 21 de janeiro de 1987. Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1982-1984). Membro do Conselho Diretivo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1977-1978). Professor Visitante da Université de Haute Bretagne, de Rennes, França (1980), no Seminário de Troisième Cycle, sobre o Modernismo Brasileiro, e membro do Conselho Científico da mesma Universidade (1979-1981). Professor Visitante das Universidades de Pequim (1983), Colónia, como Professor do Projeto *Erasmus* (1995), Utrecht (1992) e Fortaleza. No Brasil foi também orientador do Curso de Mestrado sobre Graciliano Ramos, em Goiânia (1989).

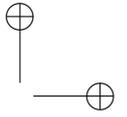
Presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP, atual Instituto Camões, de 1984 a 1989), tendo recebido, em 1990, o Louvor do Ministro da Educação pelo exercício da função de Presidente do Instituto (in *Diário da República*, n.º 172, de 27 de Julho de 1990, II Série, Despacho n.º 114/ME/90). Neste Instituto abriu novos leitorados na Europa, Ásia e África; em 1984, aderiu e colaborou, em Buenos Aires, à coleção “Arquivos de Literatura Latino-Americana, das Caraíbas e África do Século XX”, tendo proposto e sido aprovada a inclusão da *Mensagem* de Fernando Pessoa na coleção; participou nas negociações das Comissões Mista Luso-Francesa (Paris), Luso-Belga (Bruxelas) e Luso-Argentina (Lisboa); integrou as negociações para a abertura de cursos de Língua e Cultura Portuguesa em Bangkok, Malaca e Singapura; em 1986

intermediou as conversações para a concretização do projeto *Eurydice* sobre o ensino das línguas estrangeiras; participou na criação da “Associação das Universidades de Língua Portuguesa – AULP”, na Cidade da Praia (Cabo Verde); e, em 1988, concluiu as negociações com Marrocos para o estabelecimento de um leitorado na Universidade de Fez. Durante estes anos foi ainda intensificada esta atividade, tendo sido criadas as novas coleções: “Identidade”, “Diálogo” e “Compilação” que publicaram, juntamente com a “Biblioteca Breve”, várias dezenas de títulos.

É membro efetivo da Academia de Ciências de Lisboa, da classe de Letras em Sociologia e outras Ciências Sociais e Humanas, e membro da Academia Brasileira de Filologia, desde 2005. Foi Presidente da Comissão de Estudo para a criação de uma universidade na Madeira (1983-1984). Membro da Comissão Instaladora da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica e fundador dos Departamentos de Ciências da Comunicação e Línguas Estrangeiras Aplicadas (1991-1993). É membro da Associação Portuguesa de Escritores, da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, da Sociedade de Geografia de Lisboa e do Observatório da Língua Portuguesa. Foi membro da Comissão Nacional da Língua Portuguesa (CNALP) – *Diário da República*, II Série de 13 de Dezembro de 1987. Apadrinhou o Doutoramento *Honoris Causa* de Gilberto Freire, na Reitoria da Universidade de Lisboa, na abertura do ano letivo (1985). Em 1986 foi perito da Comissão de Educação para as Comunidades Europeias (Despacho n.º 21/MEC/86, *Diário da República*, II Série de 1 de Março de 1986) e no ano seguinte tornou-se Membro da Comissão Nacional das Comemorações do Dia de Camões e das Comunidades (Despacho do Presidente da República, *Diário da República*, II Série de 17 de Maio de 1986). Entre 1990 e 1992 foi Presidente do Conselho Científico da 1.ª Expolíngua de Portugal e membro permanente do Conselho Científico das Expolínguas.

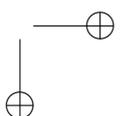
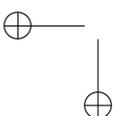
Presidente da Associação de Cultura Lusófona – ACLUS (2000-2010). Diretor Adjunto e Coordenador do Grupo de Investigação 3 – Literatura Brasileira e Cultura – do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) (1980-). Membro da Comissão de Honra das Comemorações do Centenário da Universidade de Lisboa.

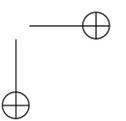
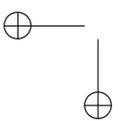
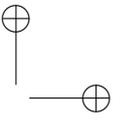
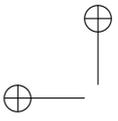
Foi agraciado pelo Presidente da República como Grande Oficial da Instrução Pública (10 de Junho de 2007). Foi ainda galardoado com o Prémio “Casa Grande e Senzala” da Fundação Joaquim Nabuco, do Brasil, para a obra *Cruzeiro do Sul, a Norte*, destinado a distinguir o melhor ensaio sobre “Interpretação das culturas portuguesa e brasileira” (1984), e com a Medalha Centenária Manuel Bandeira, concedida pela Universidade de Campina Grande, Brasil.

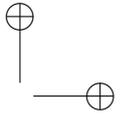
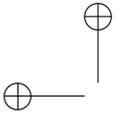


Desenvolve investigação na área da Literatura Portuguesa e Brasileira, bem como em Religião, História e Cultura.

Tem vasta obra publicada, onde se destaca *Graciliano Ramos, Estrutura e Valores de um Modo de Narrar*, 4.^a ed., Lisboa, Cosmos, 1998; *O Romance Político Brasileiro e Outros Ensaio*s, Coimbra, Almedina, 2003; *Cruzeiro do Sul, a Norte, Estudos Luso-Brasileiros*, 2.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004; *Da Lusitanidade à Lusofonia*, Coimbra, Almedina, 2008; *Dicionário Temático da Lusofonia*, 2.^a ed., Lisboa, Texto Editora, 2008; *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens* (coord.), 2.^a ed., Lisboa, Cosmos, 2002; *O Olhar do Viajante – dos Navegadores aos Exploradores* (coord.), Lisboa, Colibri, 2003; *Cadernos de Literatura de Viagens (Acervo Bibliográfico de Literatura de Viagens da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra)*, Coimbra, Almedina, 2009; *Literatura de Viagens: Da Tradicional à Nova e à Novíssima*, Coimbra, Almedina, 2010; *Cadernos de Literatura de Viagens (Subsídios para o Estudo dos Índios das Américas)*, Coimbra, Almedina, 2011; *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável e Suas Descendências de Rodrigo Mendes Lusitano*, Lisboa, Esfera do Caos, 2011; para além de outros títulos individuais e coletivos. Participa em diversos encontros científicos nacionais e internacionais.







Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto “PEst-OE/ELT/UI0077/2011”

